

Rituais familiares: alternativas para a re-união das famílias

Geraldo A. Fiamenghi

Pós-Graduação em Psicologia/Faculdade de Psicologia, PUC-Campinas
Programa de Pós-Graduação em distúrbios do desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: Este artigo discute algumas questões contemporâneas das relações familiares e sugere a redescoberta e a utilização dos rituais familiares como alternativas viáveis e simples para recuperar a vida em família.

Palavras-chave: Família; Rituais familiares; Relações familiares.

FAMILY RITUALS: ALTERNATIVES TO FAMILY RE-UNION

Abstract: This paper discusses some contemporary questions regarding family relations and suggests the rediscovery and use of family rituals as feasible and straightforward alternatives to restore family life.

Keywords: Family; Family rituals; Family relations.

Introdução

Um dos maiores problemas que a sociedade contemporânea está enfrentando é a desestrutura dos núcleos familiares e suas conseqüências para o desenvolvimento das crianças.

Tal desestrutura já se ensaiava há vários anos, como reflexo de mudanças no comportamento de massas, liberação de costumes e inserção da mulher no mercado de trabalho, com a redução do número de filhos e mobilidade das pessoas em busca de melhores condições de vida, diminuindo as relações com os grupos familiares mais extensivos (avós, tios, primos etc).

Embora muito se diga que essas mudanças trouxeram benefícios, principalmente para a liberação das mulheres e das minorias, fica difícil não perceber que talvez exista uma realidade mais nua e crua subjacente a essas mudanças (que, de resto, foram realmente produtivas e saudáveis para os grupos citados), e que se expressa, principalmente, por intermédio da mídia, mas cuja origem deve ser buscada no poder de grandes grupos econômicos e corporativos, que inserem, de maneira subliminar, sua forma de pensar e de agir em todos os aspectos das sociedades contemporâneas.

Pode ser uma posição cínica e, aparentemente, desvalorizadora daquilo que tais grupos definem como conquistas notáveis, mas não podemos deixar de pensar que as grandes corporações transnacionais estão por trás de todas as mudanças significativas pelas

quais a sociedade passa, porque seus interesses comerciais são colocados acima de todas as questões pessoais.

Sem deixar, então, de fora essa macroanálise, temos de considerar a nossa vivência cotidiana e pensar em estratégias mais elementares para a solução das dificuldades que estão afligindo a estrutura da família moderna.

Na realidade, muito da família tradicional ainda está presente na estrutura moderna das classes sociais medianas. Mesmo nas classes inferiores e superiores, ainda existem resquícios dessa estrutura.

Porém, nesses grupos sociais extremos, a realidade familiar é bastante parecida, por mais contraditório que possa parecer. Nas famílias miseráveis, a total ausência de meios econômicos e, conseqüentemente, educacionais, deixa as crianças e os pais em posições antagônicas, em que a afetividade não existe. Filhos são estorvos, mais bocas a serem alimentadas. As mulheres têm muitos filhos, dos quais vários nunca sobreviverão à infância por desnutrição e doenças. Aqueles que chegam à adolescência estarão, provavelmente, vivendo nas ruas e sobrevivendo às próprias custas, fugindo de pais abusivos, entrando para a criminalidade, como forma de lidar com o abandono.

Não se pode falar, aqui, de relações familiares. Essas devem caracterizar-se pelo componente afetivo e pelas trocas intersubjetivas, pelo convívio, companheirismo e apoio mútuo.

Nas classes mais elevadas, encontramos as mesmas condições, apesar de não haver as restrições financeiras. Nas famílias de renda elevada, não existe convívio: cada membro da "família" vive em seu próprio mundo isolado, cada filho tem seu próprio quarto, computador ligado à Internet, televisão, vídeo, aparelho de som, celular, isto é, não há compartilhamento de experiências. As relações também são pautadas pelo econômico, e as relações afetivas às vezes são mais fortes com algum dos empregados da casa do que com os próprios pais, que são pouco vistos (viajam a maior parte do tempo, estão em jantares, almoços, festas etc). Hoje, muitas escolas assistem, com assombro, à participação de babás e de motoristas, nas reuniões de pais e mestres, em substituição aos pais ausentes. Aqui também não encontramos as características básicas de família citadas anteriormente.

Mesmo na classe média, as famílias encontram-se sitiadas, ilhadas em seus problemas, sem referencial. A estrutura em que muitos pais foram criados decorria de uma transição entre a rigidez dos anos 50 e as novidades dos 60. Apesar das mudanças dessa época, restava ainda uma estrutura, não importa se boa ou má, à qual se referir.

Os filhos dos anos 70 e 80, que estão sendo pais atualmente, já viveram uma época sem qualquer referencial. As referências dos anos 80 foram mudanças radicais nos valores e costumes, infelizmente sem qualquer proposta nova para ser colocada no lugar. Foram anos loucos, sem limites, nos quais nem a contestação ocorria, pois não se tinha o que contestar. Anos do início de terríveis epidemias, como a Aids, que ficou como um legado para as novas gerações. Anos de hipocrisias sem tamanho, da destruição de estruturas políticas e sociais (representada pelo fim dos regimes socialistas na Europa, culminando com a queda do muro de Berlim).

Em minha experiência como terapeuta familiar e em palestras para pais em escolas, encontro pessoas angustiadas, sem conseguir lidar com a rapidez das mudanças, com os contrastes entre aquilo que valorizam e o que o mundo parece exigir. As questões que afligem esses pais são incrivelmente básicas, denotando que as habilidades mínimas, comuns às famílias até os anos 70, estão totalmente ausentes da vida dos pais atuais.

Muitas propostas têm surgido para enfrentar os desafios da família. Propostas diversas, que procuram meios de reunir as pessoas. Diferentes daquelas existentes nos anos 70, em que se tentava apenas impor limites aos filhos por meio da imposição de regras e do treinamento dos pais.

Hoje, precisamos recuperar a educação dos pais. Educação implica processos mais profundos de mudança, reflexão e discussão. Pelo menos, muito mais do que treinamento; treinamento diz respeito a condições imediatas de vida, ao passo que a educação atinge a vida toda.

Rituais e a família

Uma das formas de trabalho com os pais que tem sido discutida hoje em dia diz respeito à reflexão sobre os *rituais familiares*.

Jung (1964, 1971, 1972) já reconhecia o enorme valor desempenhado pela presença de rituais na estrutura das culturas humanas. Tais rituais humanos, comuns a todos os povos, tais como casamento, transição da infância para a vida adulta, nascimento e apresentação do indivíduo na comunidade, rituais religiosos das mais diversas formas, tudo contribuía para a estabilização da estrutura cultural e para o fortalecimento do tecido cultural, que era transmitido para todos os membros da cultura e também às gerações. Mitos e contos têm essa origem (Von Franz, 1981).

Os rituais, segundo Imber-Black & Roberts (1992), são ritos simbólicos, que auxiliam os indivíduos a fazer um trabalho de relacionamento, mudança, cura, crença e celebração. Partindo dessa estruturação, podemos dizer que os *rituais familiares* são atividades sociais simbólicas, repetitivas, altamente valorizadas, as quais transmitem os valores duradouros, as atitudes e os objetivos da família.

A maioria dos pais tem agendas sobrecarregadas e pouco tempo disponível para engajar-se em rituais com os filhos. Almoçar, jantar, tomar o café da manhã, ler uma história ao ir para a cama, enfim, situações cotidianas, altamente ritualizadas em épocas não muito antigas, não existem mais. Na maioria das famílias, os pais não estão mais disponíveis no horário de refeições. Quando chegam em casa, os filhos já foram dormir.

O que os rituais trazem de tão importante, além do convívio? Os rituais são altamente simbólicos, não importa se parecem tão comuns, como escovar os dentes. O valor do ritual está justamente na sua inserção em um contexto simbólico, isto é, algo que tenha um significado muito mais profundo do que o simplesmente objetivo e observável. Os rituais familiares são tão privados a cada grupo familiar porque possuem significados diferentes, dependendo dos contextos diversificados das pessoas que os utilizam.

Existem vários tipos de rituais:

- a) *Rituais de celebração*: homenageiam situações que foram bem-sucedidas ou simplesmente expressam amor e carinho. Eles comemoram o que é positivo e permitem uma conexão dos indivíduos com um senso de humanidade através do tempo, favorecendo as lembranças felizes. Rituais desse tipo são os aniversários, nascimentos, casamentos, promoções, aquisições pessoais significativas etc.
- b) *Rituais de libertação*: rituais que permitem desvencilhar os indivíduos de emoções dolorosas, favorecendo um senso de proximidade e de compartilhar. Rituais de libertação podem ser utilizados para perdoar os outros, reconciliar diferenças, lidar com luto e recobrar-se de eventos traumáticos.
- c) *Rituais de transformação*: importantes quando os indivíduos mudam para fases diferentes de vida, auxiliando a terminar situações e iniciar novas. Rituais desse tipo estão presentes em sociedades que celebram a passagem da adolescência para a idade adulta.

Quanto às suas funções dentro da família, em primeiro lugar, os rituais permitem estabelecer um senso de *estabilidade*. Todas as famílias experimentam situações de crise ou estresse, e os rituais têm a capacidade de prover as famílias com estabilidade durante esses períodos.

Os rituais também trazem uma *identidade familiar*, pois são ocasiões em que os membros da família transmitem valores familiares e crenças, reforçam a herança familiar e reconhecem mudanças na família, além de criar sentimentos de pertencer ao grupo.

Além disso, permitem a *socialização*: os rituais familiares são experiências de socialização entre os membros da família, para que as famílias possam transmitir informações culturais e normativas, assim como valores e crenças através das gerações. Por exemplo, rituais lingüísticos, como ensinar a criança a dizer “por favor” e “obrigado”.

Os rituais familiares são estabilizadores da família e, embora haja pouca evidência de que exista influência dos rituais sobre o desenvolvimento, há suficientes provas de que as rotinas diárias e os rituais estão relacionados com o funcionamento psicossocial.

As famílias apresentam vários graus de ritualização e eles se modificam muito quanto ao simbolismo, emoção e significado afetivo relacionados.

É essencial que as famílias mantenham seus rituais através do tempo, mas não significa que esses tenham de permanecer os mesmos. Aqueles rituais que falham em adaptar-se às necessidades familiares perdem o sentido e tornam-se vazios. Quando isso ocorre, os rituais perdem seu simbolismo, e os membros da família celebram eventos com um senso de “obrigação”.

Assim, os rituais são eventos dinâmicos, que devem responder às necessidades de mudança da família.

Conclusões

A vida familiar é crucial para o desenvolvimento da criança. Estamos vivendo hoje, mais do que em qualquer período histórico da humanidade, uma degeneração e destruição dos valores familiares, em troca do “direito inalienável de ser feliz”.

Essa máxima, ouvida o tempo todo, embora altamente louvável, identifica o desejo individualista de nossa época. O hedonismo, a falta de permanência nas relações, a impaciência e o desapego são marcas de nossa sociedade feita de relações via Internet.

Quando ouço as manifestações dos direitos individuais, fico pensando nos deveres, nunca mencionados.

Portanto, as iniciativas que se propõem a retomar e a revalorizar a estrutura familiar são sempre bem-vindas, pois, apesar de seus detratores, apesar de seus problemas, é a única possibilidade de formação e manutenção da identidade humana e a matriz do desenvolvimento da personalidade.

Referências

- IMBER-BLACK, E. & ROBERTS, J. (1989). *Rituals in families and family therapy*. New York: W W Norton & Company.
- JUNG, C. G. (1964). *Man and his symbols*. New York: Dell.
- JUNG, C. G. (1986). *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- JUNG, C. G. (1979). *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- VON FRANZ, M. L. (1990). *A interpretação dos contos de fadas*. São Paulo: Paulus, 1981.

Contato

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento
R. da Consolação, 930 – 6º andar, sala 62
São Paulo-SP
CEP 01302-970
E-mail: fiamenghi@mackenzie.com.br

Tramitação

Recebido em agosto/2002
Aceito em novembro/2002

